O DESIGNER EDUCACIONAL NA PRODUÇÃO DE CURSOS A DISTÂNCIA ACESSÍVEIS A PARTIR DAS ABORDAGENS CCS E EJV

Paula Mesquita Melques¹, Elisa Tomoe Moriya Schlünzen², Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos³

¹Universidade Estadual Paulista - UNESP, ¹Programa de Pós Graduação em Educação, ²Departamento de Estatística Presidente Prudente, SP. ³Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, FACLEPP, Curso de Pedagogia, Presidente Prudente, SP. E-mail: paulamelques@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o fluxo de produção de disciplinas para cursos na modalidade a distância, em formato acessível e pautados nas abordagens Estar Junto Virtual (EJV) e Construcionista, Contextualizada e Significativa (CCS). Considerando que o Designer Educacional (DE) tem papel fundamental, inicialmente é realizada uma breve discussão sobre os termos Designer Instrucional e Designer Educacional. Em seguida, é apresentada a produção de uma disciplina com materiais e recursos em formato acessível, e ainda, abordado o papel do DE, tomando por base o trabalho desenvolvido nos cursos de Deficiência Intelectual e Transtorno Global do Desenvolvimento do Programa Redefor. Entende-se que o DE tem papel fundamental para que a elaboração dos cursos não culmine na mera transposição do ensino presencial para a EaD e para que sejam estabelecidas estratégias didáticas e atividades contextualizadas segundo os parâmetros do EJV e da abordagem CCS.

Palavras-chave: Designer Educacional, EaD, Construcionista, Contextualizada e Significativa, Estar Junto Virtual; Acessibilidade.

THE DESIGNER EDUCATIONAL IN PRODUCTION COURSES DISTANCE ACCESSIBLE FROM THE CCS AND EJV APPROACHES

ABSTRACT

This paper presents the production flow for courses in distance education, in an accessible format and lined the approaches *Estar Junto Virtual* (EJV) and *Construcionista, Contextualizada e Significativa* (CCS). Whereas the Educational Designer has a fundamental role is initially held a brief discussion of the terms Instructional Designer and Educational Designer. Then the production of a subject with materials and resources accessible format is presented, and also addressed the role of Educational Designer, building on the work done in Intellectual Disabilities courses and Network Program Development Global Disorder of the Redefor. It is understood that the Educational Designer has key role in the preparation of courses culminates not in the mere transposition of classroom teaching for distance education and to teaching strategies and activities are established contextualized according to the EJV and CCS approach parameters.

Keywords: Educational Designer, EaD, *Construcionista, Contextualizada e Significativa, Estar Junto Virtual*, Accessibility.

INTRODUÇÃO

A Educação a distância (EaD) é uma modalidade de ensino que tem conquistado cada vez mais espaço, especialmente nas políticas públicas educacionais brasileiras. Essa modalidade tem se configurado como uma oportunidade de democratizar o ensino, permitindo que a formação de estudantes seja oportunizada para aqueles que estão localizados nas mais diversas regiões, até mesmo locais menos desenvolvidos nos quais o ensino presencial, por vezes, não traz muitas possibilidades. Além disso, o espaço e o tempo são redimensionados e, com isso, residentes em grandes cidades que gastam muito tempo para o deslocamento, ou ainda, pessoas que não possuem períodos fixos disponíveis, podem ser beneficiados por esse tipo de formação.

Assim como no ensino presencial, o desenvolvimento de cursos em EaD tem diferentes abordagens pedagógicas. Valente (1999) define as abordagens *broadcast*, virtualização da sala de aula e Estar Junto Virtual (EJV) conforme exposto a seguir.

Na abordagem *broadcast* ocorre a disseminação da informação, mas sem garantia de que o estudante construa conhecimento. Nessa abordagem, o professor não interage com o estudante e por isso não tem meios para verificar o que este faz ou como compreende o conteúdo, havendo apenas a entrega das informações.

Na virtualização da sala de aula existe alguma interação entre professor e estudante, mas não o suficiente para saber se o segundo está apenas memorizando as informações ou construindo conhecimento a partir delas. Com a tentativa de implementar, por meio das tecnologias, a escola tradicional, por meio de um processo educacional centrado no professor - o detentor do conhecimento - esse tipo de abordagem tem sido a mais utilizada por instituições que mantêm o mesmo modelo de ensino, mas com a vantagem de atingir maior número de pessoas.

Por fim, a abordagem EJV implica em mudanças no modelo tradicional de ensino para a EaD. Nela, é necessário criar condições para que o professor esteja junto ao estudante, entendendo o que ele faz, propondo novos desafios e auxiliando-o a atribuir significado ao que está realizando.

Como observado a partir das abordagens citadas, é frequente observar que nas instituições em que os professores que não possuem experiência na EaD, tende-se a realizar uma transposição das metodologias de ensino tradicionais para a modalidade. Nesse caso, com a virtualização da sala de aula, as potencialidades do ambiente virtual de aprendizagem não são usufruídas e, além disso, repetem-se os erros comumente encontrados no ensino presencial, como o foco no ensino, a desconsideração do caráter individual da aprendizagem e a transmissão de informações em detrimento da construção do conhecimento.

Para que isso não ocorra, é necessário refletir sobre a abordagem pedagógica a ser utilizada no curso e ter uma equipe que tenha como fio condutor da construção dos cursos tal abordagem. Nessa equipe multidisciplinar – composta por subequipes e profissionais que contemplam, entre outros setores, *webdesign*, audiovisual, comunicação, design gráfico, revisão, audiodescrição, ergonomia cognitiva, tecnologia da informação – o Designer Educacional (DE) tem papel fundamental para o planejamento de um curso a distância e, por consequência, na adoção de determinada abordagem pedagógica. Neste contexto, utiliza-se a abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa (CCS) (SCHLÜNZEN, 2000). De acordo com Schlünzen (2005) apud Schlünzen et. al (2011, p. 235), a abordagem CCS

possibilita o afloramento do interesse do estudante, motivando-o a explorar, a pesquisar, a descrever, a refletir, a depurar suas ideias, com a mediação do professor, permitindo desenvolver, por meio do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, um projeto que faz parte da sua vivência e contexto.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a produção de uma disciplina com recursos e materiais em formato acessível, e o papel do DE, tomando por base o trabalho desenvolvido nos cursos de Deficiência Intelectual e Transtorno Global do Desenvolvimento do Programa Rede São Paulo de Formação Docente (Redefor) Educação Especial e Inclusiva, oferecido em caráter semipresencial na modalidade EaD, pela parceria entre Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores, Pró-Reitoria de Pós Graduação e Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista. Antes de abordar a produção, a seguir, realiza-se uma breve explanação sobre a opção pelo uso do termo DE.

DESIGN EDUCACIONAL X DESIGN INSTRUCIONAL: QUAL O TERMO ADEQUADO?

Inicialmente, em relação ao termo *design*, destaca-se que diverge de desenho (*draw*) e remete ao planejamento. Coelho (2011, p. 190) conceitua o termo afirmando que “o design possui vários papéis e funções, e se constitui como um leque de atividades que exigem interação, interlocução e parceria com vários sujeitos e suas visões de mundo.” Gomes Filho (2006, p.12), traz que o design se resume em uma “concepção, plano ou intenção de criar ou fazer alguma coisa”.

No contexto deste artigo, as autoras defendem a utilização do termo Design Educacional ao invés de Design Instrucional. Na literatura e nos cursos a distância é possível encontrar ambos os termos, muitas vezes tratados como sinônimos. No entanto, aqui não se entende dessa forma.

Parte-se da ideia de que o Design Instrucional é responsável por trabalhar com os materiais produzidos pelo professor autor de maneira a adequá-lo para a plataforma *on-line*, considerando as ferramentas e os recursos disponíveis no ambiente, como por exemplo, o Moodle, assim como a linguagem mais apropriada para esta modalidade de ensino.

No entanto, entende-se que, ao menos nos cursos citados neste artigo, o papel desse profissional é muito mais abrangente e pedagógico, uma vez que realiza intervenções não pautadas apenas na elaboração de instruções. Para tanto, ressalta-se que a formação acadêmica desse profissional deve ser mais específica e coerente com os cursos no qual atua. Isso é fundamental para que tenha as competências e habilidades necessárias para analisar pedagogicamente o conteúdo e propor alterações de modo a favorecer a aprendizagem dos estudantes ou cursistas. Para Almeida e Prado (2010, p. 2),

o design educacional, consiste de uma ação pedagógica com uma intencionalidade clara de desenvolver um currículo a partir do esboço de um plano de trabalho que se delineia a priori e assume contornos específicos na ação conforme são identificados os conhecimentos, competências e habilidades dos alunos.

Nesse sentido, é preciso que o DE tenha domínio tanto do conteúdo do curso, quanto de abordagens pedagógicas nessa e em outras modalidades. Nesse contexto, a abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa (SCHLÜNZEN, 2000) – tratada com maior profundidade posteriormente – passou a ser norteadora de toda a produção dos conteúdos e materiais nos cursos citados neste artigo.

Os autores Valente e Almeida (2007) também adotam o termo Design Educacional e o consideram adequado para englobar, na EaD, os processos de ensino e aprendizagem mediatizados pelas tecnologias. Considera-se o *design* como um processo dialético, no qual forma e conteúdo, tecnologia e educação se inter-relacionam e influem um no outro.

Considerando-se as características levantadas referentes ao papel do DE, a seguir, apresenta-se o processo de produção de uma disciplina na modalidade EaD.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está vinculada ao Programa Redefor Educação Especial e Inclusiva intitulada “Rede de educação inclusiva: Formação de Professores nos âmbitos de Pesquisa, Ensino e Extensão”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE), da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), UNESP, campus de Presidente Prudente, SP, sob o nº 26341614.3.0000.5402, cujo parecer nº 173.558 é datado de 07 de dezembro de 2012.

Ao iniciar o planejamento de uma disciplina, é necessário considerar o público alvo e os objetivos a serem alcançados e, a partir disso, considerando a abordagem pedagógica utilizada no curso e a modalidade de ensino, refletir sobre quais estratégias e materiais devem ser utilizados para contemplar o previsto no plano de trabalho.

A configuração da equipe envolvida depende da instituição e do curso, mas nos cursos abordados no presente trabalho há, além da equipe multidisciplinar já descrita anteriormente, os seguintes profissionais envolvidos diretamente na elaboração de uma disciplina: professor autor, responsável pela elaboração do conteúdo pedagógico; especialista, responsável pelo curso, tanto no que concerne à orientação dos tutores *on-line*, como também por acompanhar a produção de todas as disciplinas orientando os professores autores e trabalhando colaborativamente com o DE; coordenação de área, responsável pelos seis cursos da área da Educação Especial, acompanhando a produção destes e o trabalho dos especialistas.

No processo de produção de um curso ou disciplina, o DE é o eixo central, o articulador na equipe. Esse é o profissional que faz a mediação entre a equipe multidisciplinar e os professores autores e acompanha a produção de todos os materiais e conteúdos pedagógicos, fazendo com que cada material siga o fluxo estabelecido. Assim, o DE atua desde a elaboração do cronograma e definição dos objetivos da disciplina junto aos professores autores, até a validação do ambiente da disciplina.

O primeiro passo para a elaboração de uma disciplina é a definição do cronograma que deve ser rigorosamente seguido para não prejudicar o desenvolvimento das demais tarefas da equipe multidisciplinar e, conseqüentemente, o andamento da produção. Para a comunicação entre o DE e os demais profissionais citados – professor autor, especialista e coordenação de área – o principal meio utilizado é o *e-mail* e, para comunicação síncrona, o *Skype*, combinado previamente para reuniões. Após a primeira reunião, inicia-se o trabalho com a matriz.

A matriz é um instrumento elaborado para o planejamento geral de cada disciplina, no qual se definem, entre outros pontos, os objetivos de cada semana e de cada atividade, as atividades e seus critérios de avaliação, além dos materiais e recursos a serem utilizados. A partir dessas definições, cada semana é detalhada, assim como suas atividades, em um quadro individual para cada semana (Quadro 1).

Quadro 1. Matriz - Planejamento das semanas

Semana/Objetivo					
Título da atividade	Objetivo da atividade	Critérios de avaliação	Recursos/Materiais	Ferramenta do Moodle	Carga horária
Descrição detalhada das atividades					
Observações dos materiais didáticos					
Orientações para a agenda dos tutores					

Fonte: NEaD/Unesp

Como observado, o quadro também prevê espaço para definição das ferramentas do AVA Moodle a serem utilizadas, carga horária para cada atividade e a descrição detalhada delas, observações sobre os materiais didáticos e orientações para a agenda de tutores *on-line* caso sejam necessárias.

O planejamento das atividades é um dos pontos primordiais da disciplina e deve ser totalmente coerente com as abordagens utilizadas – nesse caso, EJV (VALENTE, 1999) e CCS (SCHLÜNZEN, 2000). Nessa perspectiva, na qual o DE tem papel fundamental, busca-se, nas atividades propostas, que o cursista – que nesse caso é um professor atuante – olhe para o seu contexto, traga dados, reflita sobre os desafios enfrentados e elabore estratégias para superá-los, construindo algo concreto que seja do seu interesse e que contribua com a sua prática docente em um processo de espiral, no qual com a ajuda do tutor *on-line*, ele possa depurar as suas ideias e reiniciar o processo de reflexão.

Com isso, o trabalho do DE é muito mais abrangente e pedagógico do que elaborar instruções para a realização das atividades no AVA Moodle ou ainda para a transposição das atividades para esse ambiente. As atividades oferecidas também devem permitir a interação com os colegas e o tutor *on-line*, em um processo de troca de experiências e de disponibilização dos conteúdos de maneira que haja formas de co-produção, colaboração e interação entre os cursistas.

RESULTADOS

Para a realização das atividades e, em especial, as de estágio, os cursistas devem se pautar no próprio contexto. Por exemplo, no curso de Deficiência Intelectual, o cursista deve desenvolver as atividades de todas as disciplinas com base no aluno com DI que ele tem na sua sala de aula ou escola. Caso não tenha esse estudante na sala de aula, sugere-se que o cursista busque fazer parceria com outro professor da escola que tenha um estudante com DI. Se for gestor, também deve fazer da mesma maneira, considerando que, enquanto professor especializado, o trabalho colaborativo é fundamental. Em último caso, o cursista pode utilizar estudos de caso elaborados pelos professores autores.

No AVA Moodle as agendas dos cursistas são organizadas por abas semanais, sendo que a primeira aba é a agenda de abertura. Nela, constam informações gerais sobre a disciplina, como os objetivos gerais e específicos, o que se espera ao final da disciplina, se há carga horária de estágio e como está organizada, informações sobre os professores autores e o período de realização da disciplina. Além disso, há o vídeo de abertura. Todas as informações que devem constar no AVA Moodle são organizadas pelo DE em arquivos de editor de textos e, após revisão de Língua Portuguesa, são implementadas pelo webdesigner.

Em relação aos vídeos, são utilizados tipos variados. Os mais utilizados são vídeos de entrevista – um professor autor entrevista outro professor autor, discutindo os pontos principais da disciplina ou há profissionais externos convidados para abordarem o tema – e com teleprompter, no qual um professor autor realiza a leitura neste equipamento de um texto pré-definido. Independente do tipo de vídeo, é elaborado com auxílio do DE, prevendo informações verbais, imagens e outras informações para a edição. O uso de roteiro também é necessário para a produção de Objetos Educacionais, como jogos educacionais.

Considerando que os recursos e materiais dos cursos devem ser elaborados em formatos acessíveis, os vídeos são produzidos em três versões: sem acessibilidade, com audiodescrição e com Libras e legenda. Ressalta-se que o ambiente do curso é autoconfigurável, ou seja, ao preencher o perfil no AVA Moodle, o cursista seleciona se deseja algum recurso de acessibilidade e, dessa forma, tem acesso aos materiais de acordo com o preenchimento realizado.

Os textos elaborados pelos professores autores contam com o acompanhamento e intervenções do DE considerando, principalmente, o público alvo do curso, e seguem um fluxo que passa pelo especialista, coordenação de área, Centro de Apoio Pedagógico Especializado (CAPE) e, após as correções necessárias e aprovação, revisão de Língua Portuguesa pela equipe NEaD. Nesse processo, o DE atua também inserindo imagens com os direitos autorais de imagem cedidos ou

imagens livres e colocando marcas para a produção do texto em HTML pelo design gráfico – este tipo de texto é acessível e possui design responsivo.

Por fim, para garantir a acessibilidade no ambiente do curso, após cada disciplina ser implementada, dois profissionais especializados da equipe realizam a validação, sendo um deles cego. Esses profissionais realizam a validação em relação à ergonomia cognitiva e ao uso do leitor de tela. As correções necessárias são realizadas pelos profissionais responsáveis antes do início da disciplina.

DISCUSSÃO

Os termos designer educacional e designer instrucional não são entendidos, diante da concepção dos autores, como sinônimos. Na perspectiva de planejamento de curso apresentada, o papel do designer educacional abrange não somente a elaboração de instruções ou a transposição de conteúdos do ensino presencial para a EaD – virtualização da sala de aula. O designer educacional, além de ser um articulador entre toda a equipe de autoria e produção dos cursos e responsável pelo fluxo dos materiais, atua colaborativamente com os professores autores desde a orientação para a produção dos conteúdos pedagógicos e acompanha todo o processo, realizando as intervenções e contribuições necessárias para que as abordagens pedagógicas adequadas – nesse contexto, as abordagens EJV e CCS – sejam incorporadas aos cursos e, principalmente, às atividades propostas.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a produção de uma disciplina acessível na modalidade EaD e o papel do Designer Educacional nesse processo. Para tanto, considerando as diferentes abordagens de ensino que permeiam a EaD, é necessário discutir em qual delas o curso é concebido e o que se espera do designer educacional.

Embora tenha sido apresentado um contexto específico as abordagens apresentadas podem contribuir com a formação de profissionais na EaD, assim como o Designer Educacional pode ter papel fundamental para que os cursos sejam de fato concebidos a partir das abordagens adotadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de; PRADO, M. E. B. B. Desafios e possibilidades da integração de tecnologias ao currículo, 2010. Disponível em:

<http://decampinasoeste.edunet.sp.gov.br/tics/Material%20de%20Apoio/Coletania/unidade4/Desafios_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

COELHO, L. **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2011.

GOMES FILHO, J. **Ergonomia do objeto**: sistema técnico de leitura ergonômica. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

VALENTE, J. A. **Diferentes Abordagens de Educação a Distância**. Artigo Coleção Série Informática na Educação – TVE Educativa, 1999.